

**A CONDIÇÃO FEMININA NA SOCIEDADE BRASILEIRA:
A ABORDAGEM ANARQUISTA DE LIMA BARRETO (1881-1922)**

Rogério Humberto Zeferino Nascimento
Doutor em Ciências Sociais – PUC-SP.
Prof. de Antropologia na UFCG
rogeriohznascimento@yahoo.com.br

RESUMO

A importância da mulher em Lima Barreto vem da presença feminina nos seus escritos e da complexidade de sua abordagem. Atento à situação adversa da operária tratou dos condicionantes desta situação. Lima perscrutou o universo feminino desnudando os componentes dos sonhos, vontades e desejos das suburbanas, aprisionados, por vezes, à mentalidade burguesa. Mas isto não o deixa no plano apenas das constatações. Lima não contemporizava com a violência masculina. Defendeu a legitimidade delas viverem suas vidas, seguindo a variação de afetos e amores sem serem assassinadas por homens enciumados. Para ele o casamento é pura transação comercial. A sexualidade também entra em suas considerações, tematizando incesto, homossexualidade, poliandria e amor livre. Há quem o situe como misógino e homofóbico. São definições feitas a partir da ausência de um entendimento das particularidades e referenciais de seus escritos e, mais além, sem a devida compreensão dos efeitos do uso da ironia e do sarcasmo em seus escritos. Refletir sobre este tema favorece um conhecimento mais bem situado de Lima, considerando sua postura neste assunto dentro das análises elaboradas no anarquismo, além de conhecer mais da condição feminina no Brasil no início do séc. XX.

PALAVRAS-CHAVES

Literatura; anarquismo; mulher.

I

A mulher tem presença bastante significativa nos escritos de Lima Barreto. A tônica característica de sua literatura coloca em evidência figuras e personagens nada prestigiados na literatura oficial. Eram suburbanos, trabalhadores, desempregados, mendigos, ladrões, criminosos, negros, matutos, estrangeiros, monstros inumanos, loucos, alcoolistas e, claro, mulheres, todos habitantes da “marginália”, para lembrar o título de uma de suas coletâneas. A particularidade do recorte em torno da condição feminina na sociedade brasileira, como elaborado por Lima Barreto, está tanto no reconhecimento de sua (da mulher) relevância social como também na amplitude e complexidade surgida de suas ponderações.

De uma maneira geral a mulher tem posição subalterna numa sociedade como a nossa, de histórico e condição colonial e patriarcal, por isto mesmo absorva em preconceitos vários como os de cunho machista. Numa sociedade formada por processos marcadamente brutais e violentos, a mulher ocupa no imaginário coletivo e institucional, lugar desprestigiado de um sub-ser, um quase-algo, figuração de um ente infra-humano. A situação torna-se mais desfavorável ainda quando há uma combinação e superposição de marginalismos: mulher operária, de pele escura, macumbeira, suburbana... Alternando com outras destas variáveis tidas como desqualificadoras, a situação feminina intensifica em complicações ainda mais agudas como quando da situação de mulher roceira, iletrada, poliândrica, assassina do marido violento...

Numa ambiência absurdamente adversa para as mulheres, Lima Barreto não deixa de perceber e esgarçar as violências e injustiças praticadas por homens e instituições, apoiados nos costumes e preconceitos sociais. Também não foge de seu discernimento o papel ativo da mulher na manutenção e reprodução da própria submissão, subalternização e assujeitamento. Mesmo sendo oprimida, violada, discriminada, violentada, explorada ou morta por sua condição de mulher, a opressão exercida e sofridamente vivenciada não funciona como vacina contra o exercício da opressão e do preconceito sobre outras mulheres nas mesmas condições da sua.

Foi assim quando aconteceu da mãe de Cassi Jones ter destratado, vexado e humilhado Clara dos Anjos, mais uma mulata entre as tantas moças suburbanas engravidadas por Cassi (LIMA BARRETO, 1956c). Foi assim também com Lola quando viu Rita, uma mulata na mesma situação da sua, ou seja, amante de um endinheirado, ostentando adornos *chics* e caros. Este acontecimento se deu enquanto ela esperava num *restaurant* a chegada de Freitas seu amante. Casualmente ela vê passar ao largo a Rita, uma mulata, sua conhecida. A visão de Rita a deixou perplexa e surpresa. Com leve toque de inveja misturada com despeito, elaborou em seu íntimo pensamentos contendo forte e denso racismo.

Num dado momento, alguém passou que lhe fez crisar a fisionomia. Era a Rita. Onde ia àquela hora? Não lhe foi dado ver bem o vestuário dela, mas viu o chapéu cuja *pleureuse* lhe pareceu mais cara que a do seu. Como é que arranjara aquilo? Como é que havia homens que dessem tal luxo a uma mulher daquelas? Uma mulata... (LIMA BARRETO, 2010, p. 85).

Instantes depois deste momento da narrativa, quando entabulava conversa com Freitas Lola novamente vê passar Rita. Nesta ocasião externaliza seus pensamentos íntimos tecendo comentários venenosos ao seu amante, demonstrando em suas palavras o volume, peso, extensão e intensidade de seu preconceito de raça.

Passou de novo a Rita. Lola aproveitou o momento e disse:

— Lá vai aquela “negra”.

— Quem?

— A Rita.

— A Ritinha?... Está agora com o “Louro” croupier, do “Emporium”.

E em seguida acrescentou:

— Está muito bem.

— Pudera! Há homens muito porcos. (LIMA BARRETO, 2010, p. 85 – 86).

Em Lola Lima Barreto plasmou a condição de várias estrangeiras dos estratos populares quando de sua emigração para o Brasil tendo de viver de favores sexuais, nuns casos uns mais bem pagos e em muitos mais outros casos nem tanto assim. A personagem deste seu conto, no entanto, não é diminuída por sua situação, nem definida de forma estigmatizada. O termo utilizado por Lima Barreto para referir-se a Lola é de mulher dada à poliandria. Sua vida é contextualizada de maneira a se tornar mais compreensível ao leitor como ela tenha caminhado de origem miserável, com formação religiosa, até aquele ponto de sua vida. Vida esta, diga-se de passagem, apresentada pelo narrador como sendo mais digna comparada com a anterior, quando a precariedade das suas condições junto com a brutalidade de seu marido a esmagavam.

Na crônica **Os uxoricidas e a sociedade brasileira** Lima Barreto (2004a, p. 466 – 474), diante do rotineiro assassinato de mulheres por maridos ou companheiros, ocasião destes apelarem à concepção medieval de honra ultrajada pelo adultério como justificativa do seu gesto brutal, nesta crônica, eu dizia, Lima destaca o apoio, consentimento e aprovação dada ao assassino por outras mulheres nas mesmas condições sociais da assassinada. Comentando seu arrependimento de ter, quando do julgamento de um assassinato de mulher num momento anterior, absolvido um uxoricida, Lima recupera de suas anotações registros de ter visitado no necrotério, acompanhando um amigo, o corpo de uma mulher assassinada por um suposto marido. De suas notas ele evidencia a condenação da mulher morta como feita por outras mulheres nas mesmas condições da defunta. Além de violentada e assassinada, era também a ré, enquanto o assassino saia justificado, imaculado, redimido.

Arrependi-me e arrependo-me hoje ainda; e, desde então, logo que se me oferece ocasião, tenho verberado semelhante prática, por isso que as constantes absolvições de uxoricidas dão a entender que a sociedade nacional, por um dos seus mais legítimos órgãos, a admite normal e necessária.

Não diria a verdade se não dissesse que assim é. De alto a baixo, todos nós outorgamos esse direito de matar a mulher que prevarica, direito cruel e estúpido, ao marido infeliz.

Vão já muitos anos que eu, de calaçaria com Ari Foom, já falecido, fomos ao necrotério visitar o cadáver de uma rapariga do conhecimento daquele meu infeliz camarada, cujo *maquereau*, “por motivos de encontro de contas”, conforme se suspeitou, a tinha assassinado e se suicidado em seguida, no interior de uma casa da Rua de Santana.

O necrotério era no Largo da Batalha, e, ao redor, havia um povilêu de lavadeiras, cozinheiras, de desgraçadas raparigas na mais ínfima degradação social, etc. Pois bem: dos grupos de raparigas dessa natureza, só se ouvia a condenação da *rôdeuse* assassinada que elas julgavam casada com o seu assassino, e isto em termos bem duros e crus, mas que eu posso pôr aqui em mais cortesias: “Bem feito! Por que ela foi enganar o marido?”

Esta fato muito me surpreendeu, a ponto de tomar dele notas mais desenvolvidas que ainda tenho nos meus papéis. (LIMA BARRETO, 2004a, p. 470).

Há na dinâmica da vida social processos relacionais implicando a todos, quando pensamos em entendermos os seus aspectos mais problemáticos. A analítica limabarretiana dá conta destes desafios no estudo da sociabilidade humana. Ser mulher, considerando o exposto, não imuniza qualquer pessoa contra preconceitos em desfavor de alguém por ter genitália feminina.

Mas antes de prosseguir me parece oportuno destacar na analítica de Lima Barreto uma feição fundamental quando refletimos sobre qual importância tem a mulher no conjunto de seu pensamento. Proponho ter este aspecto da analítica de Lima Barreto como ponto decisivo de toda sua reflexão tratando diretamente ou não, neste ou naquele escrito, da condição da mulher em seu tempo.

II

Dentre a imensidão de seus textos, numa pequena crônica escrita em princípios de 1918, é possível se encontrar uma apreciação bastante larga sobre a mulher em geral. É à ideia mais larga contida nesta crônica, definindo o conjunto de sua perspectiva analítica, o destaque a ser feito. Vejamos.

A arma de que se servem os clérigos são mulheres e, dessas, a preferida é a moça rica.

O raciocínio deles é simples. Se mantivermos sempre o domínio sobre as moças ricas, dominaremos, por intermédio delas, os seus prováveis maridos. Ora, estes, ou serão ricos como elas, ou pobres de talento que se impusessem.

De qualquer maneira, teremos nas mãos as duas maiores forças de todas as sociedades: a inteligência e a riqueza. (LIMA BARRETO, 2004a, p. 332)

Inteligência é o que não falta às personagens femininas de Lima Barreto. Seu reconhecimento deste atributo humano como tendo maior expressão na mulher é algo a se considerar quando de uma aproximação mais centrada numa ou noutra de suas mais variadas personagens. Pensamento engenhoso, capacidade aguda de articulação de ideias, agilidade em elaborar estratégicos ataques, camuflagens, defesas ou evasivas, surgem nas suas mais diferentes figuras femininas. Mas antes, vejamos como ele acentua esta qualidade de inteligência da mulher e de como o clero instrumentaliza este predicado com a finalidade de a manipular e desta maneira alcançar o controle sobre os poderosos e, por extensão, sobre o conjunto dos segmentos sociais.

Toda a gente sabe como as irmãs de caridade dos colégios ricos cultivam a amizade das suas antigas discípulas. Há recepções semanais, há sociedades de ex-alunas, etc., etc. Tudo isto é destinado a entreter o seu domínio sobre as suas antigas educandas e, por elas, dominar os maridos em geral, em boas posições, conseguindo o clero dessa forma imperar sobre as nossas coisas políticas, embora não tenha poder algum oficialmente. (LIMA BARRETO, 2004a, p. 332 – 333).

Não há em nenhum de seus escritos uma análise de menosprezo nem diminuição da mulher e esta passagem decisiva me parece deixar muito bem posto esta apreciação de caráter geral: a mulher é inteligência, sob quaisquer situações. Os escritos de Lima não subestimam a inteligência de suas personagens, antes muito pelo contrário. No quarto capítulo de *Os Bruzundangas*, intitulado **A Política e os Políticos da Bruzundanga**, esta apreciação é apresentada.

As irmãs de caridade gozam, lá na Bruzundanga, de uma influência poderosa. Não quero negar que, como enfermeiras de hospitais, elas prestem serviços humanitários dignos de todo o nosso respeito; mas não são essas que os cínicos ambiciosos da Bruzundanga cortejam. Êles cortejam aquelas que dirigem colégios de meninas ricas. Casando-se com uma destas, obtêm êles a influência das colegas, casadas também com grandes figurões, para arranjarem posições e lugares rendosos.

Tôda a gente sabe como o pessoal eclesiástico consegue manter a influência sobre os seus discípulos mesmo depois de terminarem os seus cursos. Anatole France, em *L'Église et la République*, mostrou isso muito bem. Os padres, freiras, irmãs de caridade não abandonam os seus alunos absolutamente. Mantêm sociedades, recepções, etc., para os seus antigos educandos; seguem-lhes a vida de tôda a forma, no casamento, nas carreiras, nos seus lutos, etc.

De tal forma fazem isto que constituem uma espécie de maçonaria a influir no espírito dos homens, através das mulheres que êles esposam.

E os malandros que sabem dessa teia formada acima dos néscios, dos sinceros e dos honestos de pensamento, tratam de cavar um dote e uma menina das irmãs, o que vem a ser uma e única cousa.

Disse-nos um velho que conheceu escravos na bruzundanga que foram elas, as irmãs dos colégios ricos, as mais tenazes inimigas da abolição da escravidão. Dominando as filhas e mulheres dos deputados, senadores, ministros, dominavam de fato os deputados, os senadores e os ministros. *Ce que femme veut...* (LIMA BARRETO, 1956d, p. 67).

E sob quais condições um ser inteligente se vê levado a se entusiasmar em processos implicando o direcionamento de suas próprias energias para seu assujeitamento? Como entender este percurso no qual a mulher pode facilmente ser conduzida, empurrada, jogada até os extremos de um fim de brutalidade e morte? Lima Barreto não deixa de contextualizar a condição feminina numa sociedade cuja mentalidade medieval persiste, replicando conceitos como os de honra através da atuação persistente do clero católico na vida social.

Por economia de esforço sentimental, por hábito, pelas aquisições que a marcha da sociedade tem trazido à nossa “psique”, somos levados insensivelmente à monogamia e a viver durante a vida toda com uma única mulher; mas não é geral e não o pode ser, por não ser o espontâneo da nossa organização, quer a fisiológica, quer a psicológica. Esta então é que reage poderosamente sobre a mulher para levá-la ao adultério.

Em geral, na nossa sociedade burguesa, todo o casamento é uma decepção. É, sobretudo, uma decepção para a mulher. A sua educação estreitamente familiar e viciada pelas bobagens da instrução das Dorotéias (jesuítas de saia) e outras religiosas; a estreiteza e monotonia de suas relações, numa única classe de pessoas, às vezes mesmo de uma só profissão, não dão às moças, que, comumente, se casam em verdes anos, critério seguro para julgar os seus noivos, senão os exteriores da fortuna, títulos, riqueza e um nome mais assim. Mas, quando eles se despem, um diante do outro, quando eles consumam o ato do casamento, a mulher ganha logo um outro sentido, muda não só de corpo, ancas, seios, olhar, etc., mas de inteligência e pode julgar então, com muita penetração, o que é e vale o seu senhor para toda a vida. O menor defeito dele, devido ao sentimento da perpetuidade de sua submissão àquele homem, amplia-se muito; e ela se aborrece, sente a longa vida que ainda tem de viver, sem uma significação qualquer, sem sentido algum, sem alegria, sem prazer. O homem, quando chega a esse semi-aniquilamento da Esperança, tem o álcool, a orgia, o deboche, para se atordoar; a mulher só tem o amor. Vai experimentar e, às vezes, é feliz. (LIMA BARRETO, 2004a, p. 471-472).

A decepção no casamento é recíproca. Mas a ambiência social favorece ao homem e não à mulher extravasar as tensões acumuladas. À mulher é cobrada o ter transgredido a “honra” do marido ou companheiro. Cobrança esta feita com a subtração da vida, como exposto, entre outros de seus escritos, na crônica **Lavar a honra, matando?** (LIMA BARRETO, 2004a, p. 312-313).

O casamento não passa de uma “transação comercial” (LIMA BARRETO, 2004b, p. 113), afirmando os alicerces da sociedade burguesa. Através desta instituição os jovens diplomados procuram enriquecer e ascender socialmente. Mas há o caso de também a mulher procurar no casamento uma maneira para enriquecer.

Até bem pouco tempo, o interesse principal do casamento, a sua virtude primordial era arranjar uma noiva rica que nos pagasse as dívidas.

Todos os rapazes tinham essa ambição; e, desde que conseguissem uma futura cara-metade, nessas condições tinham o crédito decuplicado.

(...)

Parecia que era regra geral que os homens procurassem casar para fazer a operação de crédito muito simples de saldar as suas contas.

Hoje, porém, à vista do caso que o citado vespertino alude, parece que não. As mulheres também procuram maridos, para liquidar as suas dívidas convenientemente. (LIMA BARRETO, 2004b, p. 78).

O casamento dentro da perspectiva burguesa é sempre atravessado por enganos recíprocos. Lima enfatiza este aspecto de ilusão mútua em vários momentos de sua extensa obra. Na crônica **Procurem a sua Josefina!** (LIMA BARRETO, 2004a, p. 437 – 444), entre outras ponderações, encontramos esta ilusão relativa às expectativas do casamento diante da realidade de sua concretização. Josefina casou com Napoleão Bonaparte pensando ser ele rico. Napoleão casou com Josefina na mesma intenção. Ambos se equivocaram. Mas foi Josefina, com sua desenvoltura de estrategista, engenhosidade intelectual e dadividosidade sexual, quem articulou cuidadosamente a ascensão de Napoleão até o posto máximo.

A crônica **Qualquer serve** (LIMA BARRETO, 2004b, p. 89 – 90) expressa de maneira translúcida o cálculo instrumental e financeiro na decisão de um jovem doutor em pedir a um barão uma de suas filhas em casamento. Perguntado pelo barão com qual das filhas o promotor queria se casar o candidato responde indicando o nome de Irene. O barão diz não poder consentir porque ela já é noiva de um deputado estadual. O promotor emenda dizendo poder ser outra de suas filhas.

Uma variante do mesmo enredo desta crônica está numa das entrevistas cedidas pelo coronel e conde do Papa Tibúrcio d’Annuniação¹ quando interpelado por um repórter da revista *Careta* sobre o amor e suas tragédias.

1

Resultado de pesquisa na revista *Careta*, o coronel Tibúrcio d’Annuniação é personagem da criação de Lima Barreto. Tibúrcio e Isaías Caminha, personagem central do primeiro livro de Lima Barreto, são variações de um mesmo tema. Ambos são da roça. Ambos são negros. Ambos são homens,

O coronel Tibúrcio d'Annuniação

2

Sobre as tragédias do amor

Careta. Ano 09 – Nº 442 – 09.12.1916

A elegante vivenda de Catumby, onde o coronel Tibúrcio d'Annuniação se recolheu na intimidade do lar, depois que abandonou as lidas da imprensa, foi hontem novamente procurado pelo reporter da “Careta” que desejava ouvir a opinião do honrado coronel sobre o tema da semana.

O coronel recebeu o nosso representante com sua afabilidade habitual.

- Pode entrá, moço. A casa é sua. Vai varando.

O convite era tão franco que o reporter aceitou.

- Não vai um cafésinho? Este é torrado em casa. Não leva mio, feijão bichado, casca de cacáu nem outras porqueira. Leva só um taco de rapadura pra dá tinta.

O nosso representante aceitou e entrou logo no assumpto.

- Coronel, o que me traz aqui é o desejo que tem a “Careta” de ouvir a sua opinião sobre...

um jovem e o outro idoso. Ambos possuem a mesma perspectiva de crítica e recusa da modernidade. Um diferencial entre eles: Isaías é pobre, possuindo atributos intelectuais inegáveis enquanto Tibúrcio é rico fazendeiro, cheio da sabedoria as vezes ingênua do matuto. Tibúrcio obteve o título de coronel de um político endinheirado após ter prestado alguns “serviços” eleitorais favorecendo o dito político. O título de conde Tibúrcio, já como coronel e fazendeiro, comprou ao Papa. O preconceito racial é arrasador sobre Isaías e dissimulado sobre o coronel. O dinheiro abria as portas ao coronel sem ter o efeito de anular o racismo. Este consiste num dos aspectos do racismo brasileiro cuja complexidade e particularidade a analítica de Lima Barreto abarca. Na apresentação ao livro me demoro um pouco mais sobre o processo da pesquisa e outros detalhes mais, como com a apresentação dos conceitos de *pensamento coletivo*, *assinatura coletiva* e *pseudônimo coletivo*, além da indicação da existência de uma *Escola Limabarretiana de Literatura*, dando suporte à indicação de ser Lima Barreto o autor das *Cartas de um matuto*. Isto porque na revista a autoria das cartas é atribuída ao seu personagem principal.

2

Esta narrativa não consta do volume publicado (LIMA BARRETO, 2016). Meu acesso a vários números da revista *Careta* aconteceu depois de publicado a primeira edição. É o caso deste número da revista com este *causo*. A pesquisa em torno da presença de Lima Barreto na revista *Careta* ainda está em andamento. As Cartas de um matuto foram publicadas na *Careta* do ano de 1908 a 1917. São narrativas em forma de versos estilo cordel, escritos na linguagem própria do roceiro. Contrariando os puristas da linguagem para quem a escrita deveria seguir estritamente a norma culta estabelecida na gramática oficial, Lima Barreto, entendendo ser a linguagem oral e escrita uma forma de comunicar pensamentos e sentimentos, discordava dos literatos puristas incorporando a linguagem do matuto em muitos de seus escritos conhecidos. Os *causos* são pequenas histórias ou anotações em torno do coronel Tibúrcio ou de algum dos personagens ligados ao coronel. No meio tempo entre o ano da publicação até agora (julho de 2019) consegui reunir quase a totalidade dos números da revista cujo acesso não tive para a primeira edição (falta apenas um número). Estou praticamente findando com a fase de transcrição e atualização do texto das Cartas de um matuto dos números ausentes na primeira edição como também dos *causos*. Terminado este processo providenciarei uma segunda edição, aumentada e revisada, do *Cartas de um matuto e outros causos*, este que é primeiro volume da Trilogia Matuta. Com este novo material, os indícios, no meu entender já suficientes da autoria de Lima Barreto para os versos, aumentaram consideravelmente. Em um dos outros dois volumes da trilogia serão publicados um estudo mais aprofundado sobre a autoria de Lima Barreto para os versos além de artigos que tenho escrito e publicado em anais de eventos acadêmicos cuja temática é relativa a aspectos do pensamento social de Lima Barreto. Num outro volume organizo a publicação de versos de diversos estilos, contos e narrativas roceiras. Espero publicá-los com a maior brevidade possível.

- Sobre coisa nenhuma? Interrompeu elle, e continuou: Não tenho opinião sobre nada, hoje em dia. Acho é que está tudo de pernas para o ar. Não sei nem quero saber nada de política...
 - O coronel desculpe. Não é sobre isso que o vim interrogar.
 - Então é sobre o imposto da manteiga? E' um absurdo! Elles esbanja o dinheiro aqui no Rio. Rôba quanto pode. E despôis nós fazendeiro é que vômo pagá!...
 - Mas ainda não é isto coronel. Queria ouvir sua opinião sobre o amor, seus impulsos e suas tragédias.
 - Amor? Não entendo mais disso. Qué sabê de uma coisa? Nunca entendi. Nas minhas banda isso é luxo...
 - Mas o coronel se casou...
 - E' verdade. Mas foi assim. Um dia cheguei á casa do João da Serra e disse: "Seu João, eu tenho trezentos alqueires de terra e mil quinhentas cabeça de gado. Eu perciso de uma muié para me ajudá na fazenda. Ocê tem cinco fias: pode me dá uma dellas que faz bom negocio." – "Qual é q'ocê qué?" perguntou – Quarqué – respondi – Se pudé vê a Joaninha, mió. Eu vi ella na festa do Divino, no arraiaá, e me agradou." – "Não, Tiburcio – respondeu elle – a Joaninha inda tá muito nova. Ocê leva a mais veia, a Tereza, que vai bem servido. Ella entende muito de criação, e tem um tempero pro queijo como não ha outra. Ocê não há de arrendê." Tá ahi, moço, como foi que me casei.
 - Entretanto eu desejava ouvir sua opinião sobre a tragedia da semana passada, sobre o direito que tem o homem de matar a mulher infiel ou o seu amante.
 - Na minha terra a regra é a muié casada não dá corda aos home. Ella véve em casa, a cuidá de sua famia. Se arguma infeliz esquece o devê della e entra em intimidade com um home e o marido descobre, elle cumpre o seu.
 - Qual o dever do marido?
 - Hom'essa! o sinhô não sabe? Pra que elle traz a garrucha na cintura?
 - Então o coronel acha que deve matar?
 - Eu não acho nada. Eu sei só que o marido que descobre que a muié extraviou e não prega uma carga de chumbo no pé do ouvido della e outra no sedutô fica mal visto e não pode encará de frente outro home.
 - E o coronel aprova esta pratica?
 - Moço, cada terra com seu costume. O nosso costume lá na roça é esse. Quem não segue elle cai no ridiclo. O juiz já sabe, absolve sempre o marido que matou.
 - Mas se o marido tolera tudo com paciência e um dia desespera?
 - Ahi o caso é outro. Se o marido perdôa uma vez a muié desencaminhada, não tem honra, e por isso não pode mais matá outro por causa de sua "honra", de uma coisa que elle já não tem. Mas pra que o senhô qué sabê isto? Vai publicá minha opinião?
 - Se o coronel não acha inconveniente.
 - Nenhum. Não tenho segredo nas minhas opinião. Não vai outro café?
- O reporter aceitou a chicara do café que o antigo collaborador da "Careta" lhe oferecia e agradeceu a entrevista, que esta folha publica, sem envolver nella sua responsabilidade.

É patente nesta entrevista a junção da crônica acima referida, com o pedido do promotor ao barão, e aspectos tratados na mais acima citada **Os uxoricidas e a sociedade brasileira**, precisamente no ponto relativo à ideia de homem com honra aviltada justificando o costume do assassinado da mulher infiel, ou supostamente infiel,

pelo marido ou companheiro. Em algumas outras passagens de *Cartas de um matuto e outros casos* Lima Barreto (2016, p. 60; 113) apresenta o casamento do coronel Tibúrcio com Biella possuindo este aspecto de enganos mútuos, de cálculo instrumental e de golpes financeiros.

As sufragistas não escaparam às observações críticas de Lima Barreto, pois elas não se contrapõem ao conceito medieval de “honra”. O tom de sua indignação contra feministas como Berta Lutz e Leolinda Daltro, expoentes do feminismo sufragista no Brasil, tem este significado. Para estas feministas, não importa questões relativas à condição das operárias nem quanto às mulheres assassinadas por homens. Importa alcançar empregos burocráticos e rendosos.

Lembro aqui que, quando sai do júri a que aludi mais acima, os irmãos da vítima vieram-me agradecer o ter eu absolvido o matador de sua irmã...Contra um ignóbil e iníquo estado de espírito dessa ordem, que tende a se perpetuar entre nós, aviltando a mulher, rebaixando-a ao estado social da barbaria medieval, de quase-escrava, sem vontade, sem direito aos seus sentimentos profundos, e tão profundos são que ela joga no satisfazê-los a vida; degradando-a à condição de cousa, de animal doméstico, de propriedade nas mãos dos maridos, com direito de vida e morte sobre ela; não lhe respeitando a consciência e a liberdade de amar a quem lhe parecer melhor, quando e onde quiser; – contra tão desgraçada situação da nossa mulher casada, edificada com a estupidez burguesa e a superstição religiosa, não se insurgem as borra-botas feministas que há por aí. Elas só tratam de arranjar manhosamente empregos públicos, sem lei hábil que tal permita. É um partido de “cavação”, como qualquer outro masculino. (LIMA BARRETO, 2004a, p. 472).

Lima Barreto é incisivo em sua revolta contra a ambiência social, pejada de noções religiosas, feudais e medievais, como ele faz questão de realçar em seus escritos.

Continuo aqui uma campanha a que me impus, de combater essa toleima espiritual e sentimental que leva um rapaz como o seu colega que era o réu, a praticar o maior, e talvez o único crime absoluto, que é o homicídio, por causa de abusões e superstições burguesas, religiosas e feudais.

O jovem advogado e oficial de Marinha – vem a pêlo falar nisso – conforme li no jornal (*Correio da Manhã*), de 26 de fevereiro de 1919), disse que o réu:

Levantou o seu inexprimível grito de revolta contra esse crime de adultério que não tem nenhuma circunstância atenuante, que o desculpe.

Diga-me uma cousa, senhor tenente: e o de assassinato tem? Qual o mais grave dos dous? Qual dos dous invade sacrilegamente o domínio das forças misteriosas que nos governam? Diga-me, senhor tenente: quem tem o direito de matar?

O senhor tenente talvez ficasse um pouco embaraçado para responder-me; eu continuo, mas toco em outros pontos. Por que acusar este ou aquele? Por que, cheio de sua ênfase militar, chamar de reles “primo Basílio” de lugarejo a terceira personagem da tragédia, aquela que ficou nos bastidores?

O culpado não é ela, não é ele, não é estoutro. É a fatalidade da nossa carne, dos nossos ossos, do nosso sangue de homem; e foram também e, especialmente, os sonhos dela e essa necessidade de fugir do plúmbeo tédio da vida terrena, que é muito poderoso na mulher, para os paraísos artificiais, da imaginação de cada um. Continuemos, para não perder tempo!

Como diz o senhor que o assassinato foi consequência do “desespero que não se domina, do ato reflexo que se não contrai”? Curiosa espécie de desespero é esse que, primeiramente, faz a seu portador ir pacientemente à cidade, comprar revólver, para depois emitir ele o ato reflexo que não pode contrair, sob o império da paixão cega!

O segredo de sua defesa, onde o senhor tenente denunciou bem o ponto fraco do réu, é aquele em que indica como um dos culpados:

a sociedade corrompida que com a sua indiferença estimula o adultério e dele só tira motivos de galhofas e de irrisão para o marido.

Quase sempre é esse terror do ridículo, mais, talvez, do que as sobrevivências da Honra medieva; é o pavor pusilânime do cochicho da maledicência que leva os maridos em tais condições a matar as suas mulheres infiéis. Eles não temem sofrer na sua consciência a opressão do remorso de um homicídio; eles temem os bosquejos das esquinas, das confeitarias, dos botequins. (LIMA BARRETO, 2004a, p. 473 – 474).

Este ponto da narrativa converge com o fim da entrevista do coronel Tibúrcio: o homem é premido pelos costumes a perpetrar o assassinato da mulher, esposa ou não, em caso dela ter escolhido viver com outro ou ter com outro momentos de afetos, amor e sexo. Contra esta condenação à monotonia da monogamia pesando sobre a mulher, Lima se levanta com todas as forças. A mulher tem o direito a seguir a variação de suas preferências amorosas. A variação dos afetos é a regra em todos, por isso sua defesa da inclusão do divórcio na vida institucional do Brasil, numa época mais acentuadamente marcada pela hipocrisia e tirania religiosa.

Todos os experimentadores e observadores dos fatos morais têm mostrado a inabilidade de generalizar a eternidade do amor. Pode existir, existe, mas, excepcionalmente; e exigi-la nas leis ou a cano de revólver, é um absurdo tão grande como querer impedir que o sol varie a hora do seu nascimento.

Deixem as mulheres amar à vontade.

Não as matem, pelo amor de Deus! (LIMA BARRETO, 2004a, p. 169).

IV

As palavras de Lima Barreto acima endentadas, em defesa do direito da mulher amar livremente, manifestam seu esforço em provocar deslocamento nos costumes e na mentalidade coletiva de seu tempo. Isto na direção de formas de convivência acolhedoras da diversidade de modos de vida e respeitosas das personalidades em suas mutações. A vida, entendida em sua dinâmica própria, é variação, transformação e

diversidade. Assim, quanto maior for o grau de liberdade social e subjetiva, mais haverá a expansão da coexistência. Na contramão deste conceito, a presença forte do cristianismo em sua versão católica marcou fundamente a formação da sociedade brasileira. A superstição religiosa com sua obsessão de domínio são as fontes tanto dos preconceitos sociais como das violências sofridas pelas mulheres, reduzidas, colonizadas, convertidas, submetidas a terem de circunscrever e fincar sua atuação, pensamentos e afeições ao espaço tedioso da monofasia doméstica.

Lima Barreto está junto com o anarquismo vivenciado nos setores populares de seu tempo, onde os preconceitos tinham combatentes virulentos e ferozes dentro das instaurações do movimento operário. Sua perspectiva de análise, de instaurações e experimentos o situa em um anarquismo anti-moderno (NASCIMENTO, 2017 e 2018). Adelino Tavares de Pinho (2012), Isolina Borques (2012), Maria Lacerda de Moura (1933 e 2018³), entre muitos outros, expressaram com vigor em conferências públicas, nas páginas de livros e nas colunas dos jornais e revistas, as críticas dos anarquistas aos convencionalismos de seus tempos estrangendo e coagindo a mulher operária. Mas, para além das mulheres trabalhadoras, suas palavras alcançavam a condição subalternizada atingindo as mulheres dos diferentes segmentos sociais. As palavras de Isolina revelam o entendimento de ser a questão social dependente inexoravelmente da emancipação feminina. Ela encerra seu artigo com as seguintes palavras de exortação:

De nenhum modo equivale afirmar que o cérebro feminino tenha menos aptidão para abarcar os domínios da ciência. Fazendo a antítese do que até hoje se tem feito, pondo em idênticas condições de meio ambos os sexos, essa inferioridade injustamente atribuída à mulher desaparecerá e, conjuntamente a hegemonia e o jugo masculino que nos faz escravas.

Enquanto mais se ponham obstáculos à instrução e à educação da mulher, mais demorará, e fará com isso a impossibilidade de implantar a Sociedade Livre que tanto anelamos, objeto dos nossos amores e sacrifícios.

(...)

Emancipai a Mulher, arrancando essa venda primitivista que perverte os seus sentimentos morais. Rasgai o véu fatídico do fanatismo religioso que a idiotiza, e tereis quebrado os pontos que equilibra esta sociedade de crime. (BORQUES, 2012, p. 132).

3

Esta quarta edição fac-similar foi idealizada e realizada por um grupo de mulheres inspiradas nos ideais anarquistas de mulheres como Maria Lacerda de Moura (1887 – 1945). Este grupo tem publicado o *Jornal de Borda* já em seu sexto número. Para saber mais das suas realizações ver no Facebook o grupo Tenda de Livros.

Dentre os clássicos do anarquismo, Max Stirner (2002 e 2004), Mikhail Bakunin (1987) e Errido Malatesta (2012) deixaram apontamentos libertários diretamente sobre este assunto. Charles Albert (1980), Émile Armand (MALATESTA, 2012), Daniel Guerin (1980), Emma Goldman (2014) entre fins do século XIX uns e até meados do século XX outros, aportaram contribuições na mesma vibração de emancipação feminina, combatendo preconceitos, abusos, dominismos e a exploração da mulher. A pesquisa realizada por Margareth Rago (1985) é decisiva ao entendimento da condição sob a qual no Brasil vivia a mulher operária. O arquivista, historiador e memorialista Edgar Rodrigues (2007) teve a mulher como tema de seu sexagésimo livro publicado no qual reuni artigos seus publicados em diversos periódicos, além de alguns documentos históricos dentro do recorte temático.

Fiz esta ligeira observação para situar as reflexões elaboradas por Lima Barreto quanto à mulher como situada devidamente dentro de um esforço mais largo levado a efeito dentro do movimento operário anarquista em seu tempo no Brasil e em outros países. Emancipação feminina significava então autonomia econômica, afetiva, psicológica, sexual, intelectual, por exemplo. Todos estes autores e autoras citados trataram de matérias mais específicas dentro deste quesito. Encontramos neles uma abordagem libertária de temas de difícil tolerância em nossos dias de crescente medievalismo: homossexualidade, incesto, poligamia são estes temas de maior complexidade.

Neste campo específico Lima Barreto registra desde seu primeiro livro situações vividas por alguns de seus personagens cujas práticas sexuais destoavam da normatividade heterossexual e monogâmica, transgredindo inclusive o tabu do incesto. A narrativa de Lima Barreto (1956a, p. 138 – 139) tem um registro imparcial da figura de Raul Gusmão ao ser flagrado entrando num hotel com um fuzileiro naval. O texto de Lima não acrescenta teor condenatório, desqualificação nem de zombaria. Apenas registra a condição de homossexual de seu personagem cujo nome fictício escondia a figura de João do Rio .

Um caso de simultâneo incesto e poliandria é registrado no final do nono capítulo do *Recordações...* quando Lima Barreto (1956a, p. 195 – 198) coloca nas falas dos personagens comentários presenciados por Isaías Caminha sobre a excêntrica relação e vida da viúva Pais Brandão. Ela mantinha um triângulo amoroso com o próprio filho e com o sobrinho. O fim da conversa entre os funcionários de *O Globo* se dá com o russo Gregorovich, diante do estupor dos demais integrantes da redação, argumentando a favor de uma mais ampla compreensão de transgressões como a feita pelo trio amoroso. Em outros de seus escritos a trama envolvendo relações socialmente desaprovadas vem a lume: *Numa e a ninfa*⁵ (LIMA BARRETO, 1956b) publicado no ano de 1915 tem um final revelador. Sou tentado a dizer, mas não direi para não tirar o efeito da leitura para quem não tenha lido. A revelação vinda ao fim do livro tem o efeito de transformar toda a narrativa.

Desde seus textos mais remotos (LIMA BARRETO, 1997), passando pelos romances, crônicas e contos como *Um especialista e Miss Edith e seu tio* (LIMA BARRETO, 2010), Lima trata da condição da mulher considerando os aspectos implicados. Ao mesmo tempo em que destaca a situação sulbaternizada da mulher operária, suburbana, negra, roceira, estrangeira e fora da normatividade sexual, não deixa de criticar o feminismo burguês a quem denominou “vaporosas”, “melindrosas”, cujo ideal de vida não alcançava pensamentos e sentimentos mais acolhedores das particularidades nem tampouco se incomodavam com a injustiça social, com a exploração e violências executadas contra os estratos populares e contra as mulheres.

Na crônica **A poliantéia das burocratas** (LIMA BARRETO, 2004b, p. 418 – 422) dirige suas críticas às sufragistas como Berta Lutz e Deolinda Daltro por terem da mulher um ponto de vista burguês, voltado a busca de empregos públicos, como sendo a única problemática colocada à mulher. Fazendo apontamento desta abordagem das sufragistas, Lima discorda com veemência, assinalando uma perspectiva crítica ao feminismo burguês.

Mas, eu direi simplesmente: minha senhora, então a mulher só veio a trabalhar porque forçou as portas das repartições públicas? Ela sempre trabalhou, minha senhora, aqui e em toda a parte, desde que o mundo é

5

No seu primeiro livro Lima Barreto desnudou o funcionamento da grande imprensa. Em *Numa e a ninfa* ele faz uma radiografia do funcionamento do congresso nacional. Em ambos os livros há uma atualidade impressionante para os dois casos.

mundo; e até, nas civilizações primitivas, ela trabalhava mais do que o homem. Dou o meu testemunho pessoal. Desde menino – e já tenho quarenta anos feitos – que vejo trabalhar em casa, fora de casa, em oficinas, *ateliers* de costura e até na roça, plantando, colhendo, guiando bois ao arado, etc. (LIMA BARRETO, 2004b, p. 420).

Lima Barreto elaborou reflexões agudas sobre a condição feminina na sociedade de seu tempo, tendo feito da literatura arena de luta por sua emancipação. Um campo decisivo para alcançar este *desiderato* estava na educação. À mulher deveria ser aberto o acesso ao conhecimento através da possibilidade de estudar e de se colocar nos debates intelectuais (NASCIMENTO, 2016). Por estas e outras razões o conhecimento da obra *limabarretiana* se impõe como fonte de informação sobre os condicionantes históricos e culturais dos preconceitos sociais e como inspiração para seu combate.

Referências

- ALBERT, Charles. *Amor livre: a questão sexual do ponto de vista anarquista*. Rio de Janeiro; Achiamé, 1980.
- BAKUNIN, Mikhail A. *Bakunin por Bakunin*. Brasília; Novos Tempos Editora, 1987.
- BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto: 1881-1922*. 7ª. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1988.
- BORQUES, Isolina. A mulher e a educação. In: PINHO, Adelino de et al. *Educação anarquista*. Saberes, ideias, concepções. Organização e notas de Rogério Nascimento. São Paulo; Editora Marginal, 2012. p. 131 - 132. Vol. I.
- CARETA. Revista semanal. Rio de Janeiro, 1908 – 1960.
- GOLDMAN, Emma. *A anarquia e a questão do sexo & outros escritos*. Recife; Difusão Libertária, 2014.
- GUERIN, Daniel. *Um ensaio sobre a revolução sexual após Reich e Kinsey*. São Paulo; Brasiliense, 1980.
- LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Recordações do escrivo Isaiás Caminha*. Organização de Francisco de Assis Barbosa com a colaboração de Antônio Houaiss e M. Cavalcanti Proença. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956a. Vol. I.
- _____. *Numa e a ninfa*. Organização de Francisco de Assis Barbosa com a colaboração de Antônio Houaiss e M. Cavalcanti Proença. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956b. Vol. III.

- _____. *Clara dos Anjos*. Organização de Francisco de Assis Barbosa com a colaboração de Antônio Houaiss e M. Cavalcanti Proença. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956c. Vol. V.
- _____. *Os Bruzundangas*. Organização de Francisco de Assis Barbosa com a colaboração de Antônio Houaiss e M. Cavalcanti Proença. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956d Vol. VII.
- _____. *O subterrâneo do Morro do Castelo*. Rio de Janeiro: Dantes, 1997.
- _____. 1881-1922. *Toda Crônica: Lima Barreto*. Volume I (1890-1919). Apres. e notas Beatriz Resende; org. Rachel Valença. Rio de Janeiro: Agir, 2004a.
- _____. 1881-1922. *Toda Crônica: Lima Barreto*. Volume II (1919-1922). Apres. e notas Beatriz Resende; org. Rachel Valença. Rio de Janeiro: Agir, 2004b.
- _____. *Contos completos de Lima Barreto*. Organização e introdução Lilia Moritz Schwarcz. São Paulo, Companhia das Letras, 2010.
- _____. *Cartas de um matuto e outros causos*. Organização de Rogério Nascimento. Campina Grande; PB: Bagagem; EDUFCEG, 2016.
- MALATESTA, Errico et al. *De amor e anarquia: relações libertárias ontem e hoje*. Porto Alegre; Deriva, 2012.
- MOURA, Maria Lacerda de. *Ran Hyner e o amor plural*. São Paulo; Editora Unitas, 1933.
- _____. *“A mulher é uma degenerada”*. 4ª edição comentada. Organização e edição de Fernanda Grigolin. São Paulo; Tenda de Livros, 2018.
- NASCIMENTO, Rogério. Educação e desaprendizagem: a pedagogia anarquista de Lima Barreto. In: *II Simpósio de Educação: Cotidiano, História e Políticas*. Volta Redonda – RJ. 2016. Disponível em: www.educacaoliberal.com.br
- _____. O olhar de fora: alteridade e descentramento em Recordações do escrivo Isaiás Caminha de Lima Barreto (1881 – 1922). In: BOTELHO, Denilson et al. *Escritas sobre Lima Barreto*. Campina Grande – PB: EDUFCEG, 2017.
- _____. *Lima Barreto, um anarquista incivilizado*. In: CONGRESSO Internacional do Núcleo de Estudo das Américas. VI Congresso Internacional do Núcleo de Estudo das Américas. Alexis T. Dantas, Maria Teresa Toríbio B. Lemos [organizadores]. – Rio de Janeiro; NUCLEAS, 2018. p. 1559 – 1582.

- PINHO, Adelino de et al. *Educação anarquista*. Saberes, ideias, concepções. Organização, seleção, apresentação e notas de Rogério Nascimento. São Paulo; Editora Marginal, 2012. p. 29 – 45. Vol. I.
- RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao Lar: a utopia da cidade disciplinar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- REIS, Zenir Campos. Romance, panfleto ou desabafo? IN: LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. São Paulo; Círculo do Livro, 1987. p. 187 – 192.
- RODRIGUES, Edgar. *Mulheres e anarquia*. Rio de Janeiro; Editora Achiamé, 2007.
- STIRNER, Max. Algumas Observações Provisórias a Respeito do Estado Fundado no Amor. Tradução de José Bragança de Miranda. IN: *VERVE* – Revista Semestral do NU-SOL – Núcleo de Sociabilidade Libertária/Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais. São Paulo, n. 1, maio 2002.